

Atividade docente estranhada: uma análise marxiana da situação dos profissionais da educação

Strange teaching activity: a marxian analysis of the situation of education professionals

Extraña actividad docente: un análisis marxista de la situación de los profesionales de la educación

Recebido: 18/06/2020 | Revisado: 28/06/2020 | Aceito: 30/06/2020 | Publicado: 12/07/2020

Paula Trajano de Araújo Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8762-4884>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: paula.trajano.araujo06@aluno.ifce.edu.br

Emanoel Rodrigues Almeida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9787-0851>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: emanoel.almeida@ifce.edu.br

Fabiano Geraldo Barbosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9303-9523>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: fabiano.barbosa@ifce.edu.br

Solonildo Almeida da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5932-1106>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: solonildo@ifce.edu.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a atividade docente à luz da categoria estranhamento. Para isso, revisitou-se a literatura pertinente aos assuntos relacionados a trabalho, alienação e estranhamento utilizando para isso Lukács, Marx, Antunes, Antunes & Pinto e Lessa; já como referenciais teóricos sobre a questão da educação e atividade docente no Brasil foram utilizados Arroyo e Apple. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa de cunho teórico, na perspectiva materialista histórica dialética que tenta buscar indícios do trabalho estranhado na atividade docente dos profissionais da Educação Básica no Brasil. Pode ser inferido, portanto que a profissão docente sofre interferências do regime de mercado capitalista, desse

modo a atividade desenvolvida cotidianamente pelos professores assalariados também pode ser considerada como atividade com aspectos de alienação e/ou estranhamento.

Palavras-chave: Trabalho; Alienação; Estranhamento; Atividade docente; Ensino.

Abstract

This article aims to analyze teaching activity in the light of the strangeness category. To this end, the pertinent literature on issues related to work, alienation and estrangement was revisited using Lukács, Marx, Antunes, Antunes & Pinto, and Lessa; and as theoretical references on the issue of education and teaching activity in Brazil, Arroyo and Apple were used. As for the methodology, it is a theoretical research, in the dialectic historical materialist perspective that tries to search for signs of strange work in the teaching activity of Basic Education professionals in Brazil. It can be inferred, therefore, that the teaching profession suffers interference from the capitalist market regime, thus the activity developed daily by salaried teachers can also be considered as an activity with aspects of alienation and / or estrangement.

Keywords: Work; Alienation; strangeness; Teaching activity; Teaching.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la actividad docente la luz de la categoría de extrañeza. Con este fin, se revisó la literatura pertinente sobre temas relacionados con el trabajo, la alienación y el extrañeza utilizando Lukács, Marx, Antunes, Antunes y Pinto y Lessa; y como referencias teóricas sobre el tema de la educación y actividad docente en Brasil, se utilizaron Arroyo y Apple. En cuanto la metodología, es una investigación teórica, en la perspectiva dialéctica materialista histórica, que trata de buscar signos de trabajo extraño en la actividad docente de los profesionales de Educación Básica en Brasil. Se puede inferir, por lo tanto, que la profesión docente sufre interferencia del régimen del mercado capitalista, por lo que la actividad desarrollada diariamente por los maestros asalariados también puede considerarse como una actividad con aspectos de alienación y / o extrañeza.

Palabras clave: Trabajo; Alienación; Extrañeza; Ectividad docente; Enseñanza.

1. Introdução

A educação formal, desde o seu surgimento até os dias atuais, vem sempre se configurando como um campo utilizado estrategicamente para a manutenção do sistema

capitalista com todas as devidas formas de exploração; se observada à luz das teorias marxistas, de maneira geral uma escola (a instituição Escola) possui (e perpetua) muitas características do sistema de exploração capitalista, contribuindo também com a manutenção da sociedade dividida em classes onde uma está a serviço da outra. Esse campo de estudo (relação entre escola e sociedade) tem vários aspectos que podem ser analisados, tais como o papel do aluno, do currículo, das reformas educacionais, etc., porém nesse estudo abordaremos a questão do professor, mais precisamente aspectos que envolvem sua atividade enquanto profissional, buscando relacionar a elaboração teórica das categorias trabalho, alienação e estranhamento ao labor docente, destacando aspectos da precarização no trabalho do professor.

Quanto à relevância deste artigo, é importante destacar que ele promove uma reflexão necessária sobre uma situação social que, inconscientemente e de forma automática, contribui para a manutenção dos modos de exploração da classe trabalhadora, no caso os profissionais da educação, que se veem cada vez mais em uma classe fragilizada e alienada às interferências das políticas educacionais neoliberais, tendo, portanto o seu trabalho fragmentado e precarizado. Em relação às condições de trabalho do professor, apesar dele aplicar sua força de trabalho em um ambiente que teoricamente deveria estar livre de pressões políticas e econômicas, ele se vê em um ambiente que geralmente assemelha-se a uma empresa ou até fábrica (que o diga o som da sirene na troca de turnos, as metas que ele tem que alcançar, a enorme quantidade de pessoas que ele tem que atender ao mesmo tempo, etc.) inclusive com aspectos da especialização taylorista e flexibilização toyotista características da organização do trabalho industrial, portanto é mister refletir sobre a situação dos profissionais da educação inseridos nesse contexto para que assim, se possa encontrar um caminho para a melhoria das condições de trabalho e realização pessoal dos professores através da atividade que desempenham. Neste estudo a literatura marxista e marxiana se justificam como aporte teórico por oferecer subsídios fundamentais para que sejam entendidas as categorias de trabalho, trabalho alienado e trabalho estranhado, bem como é nessa literatura, enquanto doutrina filosófica, que se encontra o caminho para verdadeira revolução que a sociedade tanto precisa, pois através desse caminho a escola pode formar cidadãos emancipados e verdadeiramente livres.

Nesse cenário, analisaremos aspectos atuais da atividade docente à luz da literatura marxista e marxiana, refletindo inicialmente sobre as categorias de trabalho, alienação, exteriorização e estranhamento; em seguida relacionaremos essas categorias, especialmente o estranhamento, à atividade docente.

2. Metodologia

Através da abordagem qualitativa, este artigo configura-se como resultado de uma pesquisa exploratória e utilizou para a análise o método dialético marxista; Pereira A.S. et al. (2018, p.28) denominam que o método dialético “empregado em pesquisa qualitativa, considera que os fatos não podem ser considerados fora de um contexto social; as contradições se transcendem dando origem a novas contradições que requerem soluções” e é esse caminho que norteia as discussões aqui apresentadas.

Com a finalidade de conhecer inicialmente a literatura científica publicada na área, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre as categorias “trabalho”, “alienação” e “estranhamento”, em seguida esses conceitos foram relacionados à atividade docente e feitas as devidas articulações. Teoricamente, a fundamentação está baseada em autores que são referências no campo das Ciências Sociais - destaque para Lukács (1980), Marx (2016), Lessa (1992), Antunes & Pinto (2017) e Antunes (2009) - e no campo da Educação, a exemplo de Arroyo (2013) e Apple (2005).

3. Trabalho, Alienação e Estranhamento: fundamentos teóricos

Com os objetivos determinados na seção anterior, iniciaremos com a definição de trabalho desenvolvida por Marx (2016, p.212):

[...] o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza.

Temos, portanto uma definição da categoria trabalho apontando para o ato responsável pela criação do mundo humano através da interação do homem com a natureza, pois segundo o autor ao modificar a natureza, o homem também se modifica, imprimindo, portanto forma útil à sua vida. Etimologicamente a palavra trabalho, originou-se da palavra *tripalium*, curiosamente um instrumento de tortura utilizado em meados do século VI, na prática consistia em três paus fixados no chão e servia para prender a cabeça do animal ou do escravo; com o passar do tempo essa palavra adquiriu outro sentido até chegar ao conceito que se tem hoje sobre o que significa trabalho.

Segundo o filósofo György Lukács três esferas compõem o ser: inorgânica, biológica e social, sendo o trabalho responsável pelo salto ontológico do ser natural (biológico) para o ser social, o trabalho fundamenta a sociabilidade humana, é através do trabalho que o homem constrói uma nova ordem social e assim modifica, de maneira intencional, o seu meio; aliás, é essa característica da modificação intencional e consciente do ambiente em que vive que distingue a ação do homem na natureza em relação à ação irracional dos animais em seu ambiente natural. Portanto, é pelo trabalho que o homem passa de um ser puramente biológico para um ser social, pois o trabalho em seu sentido ontológico é a forma originária (protoforma) do agir humano (Lukács 1980).

Ainda sobre a intrínseca relação entre trabalho e ser social, Lessa (1992, p.43) afirma que a gênese do trabalho “é o início da autoconstituição da humanidade enquanto gênero, é o momento fundante da generalidade em-si”, o autor ainda ressalta que a gênese da categoria do trabalho é a gênese do ser social. Isso reforça a ideia de Marx constante na citação que iniciou esta seção, ao destacar que através do trabalho o homem modifica a natureza e se modifica.

Quando se aborda a questão do trabalho humano e social é importante destacar as duas dimensões do trabalho: trabalho concreto e trabalho abstrato. Chama-se de trabalho concreto aquele que se manifesta no valor de uso, isto é, aquele trabalho que produz algo que por suas características materiais ou virtuais satisfaz as necessidades humanas; já o trabalho abstrato se manifesta no valor de troca, ou seja, tem a ver com o preço do produto; é o trabalho abstrato que gera o valor das mercadorias.

Em relação à reprodução social, o trabalho abstrato pode ser de dois tipos: produtivo ou improdutivo. O primeiro está relacionado, por exemplo, ao trabalho assalariado que gera lucro ao patrão, ele gera mais-valia, pois em alguns setores da economia quanto mais empregados (assalariados) a empresa tiver, mais lucro ela vai obter. O trabalho produtivo gera lucro e, portanto valoriza o capital. Já o trabalho classificado na literatura marxista como improdutivo é aquele que diretamente não gera lucro ao patrão, representa o custo do negócio, pois ele não gera mais-valia. Portanto de maneira prática, pensando em uma fábrica poderíamos dizer que para a reprodução do capital classifica-se como produtivo o trabalho do metalúrgico (que quanto mais carros produz mais lucro gera à empresa) e como improdutivo o trabalho do vigilante da empresa. Ainda sobre trabalho abstrato, baseado em Karl Marx, Antunes (2010, p. 10) afirma:

Mas, a partir da vigência do sistema de metabolismo social do capital, o caráter útil do trabalho, sua dimensão concreta tornam-se subordinados a outra condição, a de ser

dispêndio de força humana produtiva, física ou intelectual, socialmente determinada para gerar mais-valor. Aqui aflora o trabalho abstrato que faz desaparecer as diferentes formas de trabalho concreto que, segundo Marx, reduzem-se a uma única espécie de trabalho, o trabalho humano abstrato, dispêndio de energias físicas e intelectuais, necessárias para a produção de mercadorias e de valorização do capital.

Através da citação acima, chegamos a um ponto crucial de relação entre trabalho e relações sociais, uma vez que na sociedade capitalista o trabalho é utilizado para produzir mercadorias que tem como principal fim valorizar o capital; sobre isso, a seguir tem-se uma breve e superficial contextualização histórica.

Ao longo da história da humanidade, a divisão do trabalho tem sido utilizada como instrumento para acumular riquezas e marcar a divisão das classes sociais, porém nem sempre foi assim. Na era primitiva o trabalho servia para o homem e sua tribo produzirem apenas o que eles iriam consumir, sendo a produção obtida dividida igualmente entre a comunidade, portanto nesse contexto o trabalho não era usado com fins de acumulação e lucro, uma vez que, além do aspecto cultural, a escassez de instrumentos de trabalho também impedia um grande volume de produção de bens. Já nessa sociedade primitiva iniciou-se a divisão do trabalho de acordo com as diferenças existentes entre os sexos, porém essa divisão não submetia uma pessoa ou outra à subordinação, pois todas as tarefas eram vistas como importantes para a tribo (Ponce, 2001).

Com o desenvolvimento da vida econômica e as transformações sociais, o trabalho passou de algo natural, autônomo, livre e humanizador para ser uma atividade humana marcada pela exploração, acumulação e instrumento de divisão social. Tudo começa quando o homem, por motivos diversos ao longo da história da civilização, se vê obrigado a deixar suas terras e ter como único meio de sobrevivência a venda da sua força de trabalho. Essa força de trabalho será explorada em todos os tipos de organização social (tais como feudalismo e burguesia) ao longo do tempo e chegará à sociedade industrial baseada em modelos de produção em série e/ou flexível tais como taylorismo, fordismo e toyotismo. Surgem então novos padrões de gestão da força de trabalho.

Além de ser uma atividade previamente idealizada pela consciência humana - teleologicamente orientada - o trabalho também é composto por outros dois processos: objetivação e exteriorização. Abaixo uma explicação sobre o sentido desses dois processos:

O primeiro traduz o movimento pelo qual o sujeito transforma a realidade, imprimindo na causalidade dada a posição de fim que tem em mente. [...] Nesse processo, o objeto, mesmo sendo produzido pela ação humana, não se confunde com o sujeito que o produziu; [...] o objeto tem legalidade própria, não é o sujeito. Já o segundo processo –

a exteriorização – significa a ação de retorno que a objetivação produz sobre o sujeito, desenvolvendo suas capacidades e alargando seu raio de conhecimento (Lima, 2014, p. 170-171).

Portanto, na prática, a objetivação se materializa no produto do trabalho humano. O trabalho produz objetivações. Já a exteriorização, por sua vez, diz respeito à transformação realizada no próprio sujeito (produtor) enquanto resultado do processo de trabalho, uma vez que já sabemos que o trabalho modifica a natureza humana. Nesse sentido, no trecho citado acima, a exteriorização é apresentada em seu aspecto positivo.

A proletarização, terceirização e fragmentação do trabalho, típicas da sociedade capital contemporânea, provoca (e intensifica cada vez mais) a alienação do trabalho, onde os objetos produzidos pelo homem são antagônicos aos seus interesses e tornam-se alheios ao seu poder. Esse modo de produção capitalista consolidou-se no século XX, através da produção em série e marcou o século XX como a sociedade do trabalho alienado (Antunes e Pinto 2017).

Na literatura marxista existem divergências nos conceitos de alienação e estranhamento, por isso tivemos que fazer uma escolha de referencial teórico, utilizamos então, a respeito da categoria alienação as ideias de Marx consideradas por Antunes e Pinto (2017) na obra “A Fábrica da Educação” que denominam alienação como algo negativo ao aspecto social do trabalho. Segundo os autores citados anteriormente, de maneira mais ampla, o complexo social da alienação é composto por dois fenômenos: estranhamento (*Entfremdung*) e exteriorização (*Entäusserung*). Antunes e Pinto (2017, p.12) defendem esses dois fenômenos da seguinte forma:

Essas categorias são formuladas por Marx e, em nosso entendimento, integram o fenômeno social da *alienação* do seguinte modo: o *estranhamento* é utilizado por Marx quando pretende enfatizar a dimensão de *negatividade* que caracteriza o trabalho assalariado no capitalismo. Por outro lado, a *exteriorização* está presente em toda a atividade humana que cria e produz. (grifos do autor)

Portanto concentra-se no estranhamento a negatividade da alienação. Adiante, os autores reforçam o entendimento a respeito do trabalho alienado:

O trabalho é alienado para Marx na medida em que expressa a dimensão de uma negatividade (*estranhamento*) sempre presente no modo de produção capitalista, no qual o produto do trabalho, que resulta de sua *exteriorização*, não pertence ao seu criador, o ser social que trabalha. (Antunes e Pinto, 2017, p. 12-13, grifos do autor)

Sendo assim, o trabalho ao se tornar alienado separa o sujeito do objeto por ele produzido e coloca o ser humano que concentrou sua força de trabalho na produção de algo em uma posição alheia à sua consciência ou a sua vontade, pois o que ele produziu, de forma teleológica, não o pertence (é estranho a ele). Ainda sobre isso o autor Jesus Ranieri, tradutor oficial no Brasil da consagrada obra de Karl Marx “Manuscritos Econômicos Filosóficos”, defende que exteriorização “tem a ver com atividade, objetivações do ser humano na história” (Ranieri, 2006, p.1); já estranhamento,

pelo contrário, compõe-se dos obstáculos sociais que impedem que aquela atividade se realize em conformidade com as potencialidades humanas, obstáculos que, dadas as formas históricas de apropriação do trabalho e também de sua organização por meio da propriedade privada, faz com que a alienação apareça como um fenômeno *concêntrico* ao estranhamento (Ranieri, 2006, p.1 grifo do autor).

Corroborando, portanto, com que afirma Antunes & Pinto (2017, p.12) ao afirmarem que a exteriorização “está presente em toda a atividade humana que cria e produz” já o estranhamento enfatiza a dimensão da negatividade do trabalho exteriorizado naturalmente.

Dito isso, fica claro que a alienação distorce o sentido ontológico do trabalho, uma vez que o trabalho alienado, estranhado priva o homem da sua verdadeira liberdade de criação, pois o homem trabalha de forma irrefletida e o faz apenas para garantir a sua sobrevivência. Ele não tem o trabalho como parte da sua essência, mas como algo estranho ao seu ser. Nesse sentido, Antunes (2009, p. 132) afirma:

Sob a condição da separação absoluta do trabalho, a alienação assume a forma de perda de sua própria unidade: trabalho e lazer, meios e fins, vida pública e vida privada, entre outras formas de disjunção dos elementos de unidade presentes na sociedade do trabalho.

Segundo Marx (2008, p.80), isso ocorre porque

Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho não produz apenas mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral.

Sendo assim, na perspectiva dos autores acima citados, a alienação separa o trabalho da essência humana e passa a ser uma atividade desempenhada pelo homem apenas para obter meios de garantir a sua sobrevivência na sociedade. O estranhamento também aponta para a questão do produto do trabalho humano ganhar autonomia e independência e tornar-se estranho ou alheio para quem o produziu. O estranhamento é consequência da ruptura entre o

homem e a natureza. “O trabalho estranhado inverte a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz da sua atividade vital, da sua essência, apenas um meio para sua existência” (Marx 2008, p. 84-85).

3.1. Estranhamento: aspecto negativo do trabalho

Sendo a categoria do estranhamento a principal base teórica para a discussão que seguirá adiante, nos vemos na obrigação de aprofundar o conhecimento sobre essa categoria, por isso trataremos nesta seção das formas em que o estranhamento se evidencia no trabalho social humano.

Marx (2008) examina o ato do estranhamento da atividade humana sob quatro aspectos: 1) relativo ao produto; 2) relativo ao processo de produção; 3) relativo ao caráter genérico do homem e 4) relativo ao estranhamento do homem pelo próprio homem. Vejamos como Marx (2008) apresenta as duas primeiras formas de estranhamento:

- 1) A relação do trabalhador com o *produto do trabalho* como objeto estranho e poderoso sobre ele. Esta relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo exterior sensível, com os objetos da natureza como um mundo alheio que se lhe defronta hostilmente. 2) A relação do trabalho com *ato da produção* no interior do *trabalho*. Esta relação é a relação do trabalhador com a sua própria atividade como uma [atividade] estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração. (Marx, 2008, p.83 grifos do autor).

Esse primeiro aspecto do estranhamento, portanto diz respeito ao momento em que o produto do trabalho, resultado da exteriorização, não pertence ao seu criador, isto é ao ser social que trabalha (Antunes e Pinto, 2017) já o segundo aspecto relatado na citação acima indica o estranhamento do trabalhador relacionado ao ato da produção, ele não se reconhece no processo laborativo que faz, ele não se realiza naquele ato de produção e, ao contrário, se aliena.

Em relação aos outros dois aspectos do estranhamento do trabalho, Antunes e Pinto (2017, p. 13) afirmam que o terceiro momento acontece quando o ser social não reconhece no ato produtivo sua individualidade, pois esse ato produtivo é estranho a ele e apenas configura-se como um meio à sua existência e sobrevivência física, pois “o trabalho, a atividade vital, a vida produtiva mesma aparece ao homem apenas como um meio para a satisfação de uma carência, a necessidade de manutenção da existência física. A vida produtiva é, porém, a vida

genérica” (Marx, 2008, p. 84), na página seguinte esse mesmo autor completa: “trabalho estranhado inverte a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz da sua atividade vital, da sua essência, apenas um meio para sua existência”. Já o quarto momento, por sua vez, aparece indicando que por o homem, ser social, não se reconhecer na atividade produtiva como indivíduo ele estranha a si mesmo enquanto gênero humano.

Por fim é importante registrar que na literatura marxista os conceitos de alienação, estranhamento e exteriorização estão intimamente ligados, sendo possível encontrar várias teorizações diferentes sobre esses termos, porém aqui não vamos nos deter ao aprofundamento dessas diferenças porque esse não é o objetivo deste estudo.

Tendo entendido a categoria estranhamento, trataremos a seguir em evidenciar como esse aspecto do trabalho se relaciona com a atividade docente na atualidade da Educação Básica pública.

4. Atividade Docente Estranhada: aspectos relacionais

Sabemos que trabalhar é um ato específico do ser humano, faz parte da essência humana. Através do trabalho o homem se realiza como ser social e modifica a natureza ao seu redor; eis, portanto, a essa a visão ontológica do trabalho. Porém no contexto da sociedade capitalista geralmente não predomina esse ideal de trabalho e sim o contrário, porque o trabalho passa a ser algo exaustivo, sofrido e estranho ao trabalhador.

O contexto de trabalho onde os professores estão inseridos não está muito distante da lógica capitalista. Arroyo (2013) afirma que a categoria docente vem experimentando nestas décadas as tensões no nosso padrão de trabalho, buscaram sua valorização reconhecendo-se e exigindo ser reconhecidos como trabalhadores e a docência como trabalho, esse mesmo autor reforça:

A desvalorização da docência-trabalho continuou porque em nossa cultura política, em nossas relações sociais, o trabalho não tem valor, não passa de mercadoria e menos a docência-trabalho com os filhos de trabalhadores condenados à sobrevivência mais precária e a trabalhos precarizados (Arroyo 2013, 83) .

Portanto o autor ressalta a desvalorização do trabalho em nossa sociedade, enfatizando que mais ainda desvalorizado é o trabalho do profissional atuante na escola destinada aos filhos dos trabalhadores; aqui fica claro que o autor refere-se ao contexto da escola pública.

Quando se junta desvalorização social com o desgaste físico e emocional que a atividade docente diária submete o professor, tem-se o efeito que Marx (2008) chama de estranhamento do trabalho, que no contexto da atividade docente acontece quando o professor realiza o seu trabalho de maneira alienada e sem reconhecer sua essência na atividade que desenvolve; ele a faz apenas para garantir a sua sobrevivência financeira. Por mais que a categoria estranhamento esteja historicamente mais associada ao trabalho concreto produtor de mais-valia, Antunes (2009) constata que o estranhamento atinge, com variantes de incidência, a totalidade da *classe-que-vive-do-trabalho*; pela lógica desse autor, os professores estão associados a essa classe, pois segundo ele

[...] a classe-que-vive-do-trabalho engloba também os trabalhadores improdutivos, aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço, seja para uso público ou para o capitalista, e que não se constituem como elemento diretamente produtivo, como elemento vivo do processo de valorização do capital e de criação de mais-valia. São aqueles em que, segundo Marx, o trabalho é consumido como valor de uso e não como trabalho que cria valor de troca. O trabalho improdutivo abrange um amplo leque de assalariados, desde aqueles inseridos no setor de serviços, bancos, comércio, turismo, serviços públicos etc. (Antunes, 2009, p.102)

A escola se constitui como um espaço de manutenção da hegemonia dominante, no contexto da sociedade capitalista a burguesia utiliza a instituição escolar para reproduzir e perpetuar os meios que alimentam a separação de classes. O fato de existirem escolas focadas em preparar os filhos dos trabalhadores para também serem trabalhadores e assim suprir a mão de obra necessária para alimentar a máquina do mercado capitalista, ao mesmo tempo em que existem escolas que focam em preparar o aluno para a universidade, para as artes, etc., é um exemplo da separação entre os que são preparados para pensar e os que são preparados para executar.

Portanto, é nesse espaço de contradições que o profissional da educação coloca sua força de trabalho, força essa constituída por intelectual e física, pois na maioria dos casos, o professor para sobreviver da profissão tem que desenvolver atividades em várias escolas e dividir sua força de trabalho igualmente em todas elas, sendo é exigido dele cada vez mais esforço, resiliência, resultados e superação de obstáculos diários. Além disso, a imposição curricular que permeia o espaço da escola, indiretamente determinando o que o professor deve ensinar, faz com que muitas vezes o poder decisório e a opinião do professor não sejam levados em consideração, sendo assim o professor apenas executa na escola um plano curricular que foi pensado por outras pessoas (remetemo-nos assim à divisão entre os que

pensam e os que executam), dessa forma o professor não se reconhece no processo de construção do conhecimento que será passado ao aluno, não foi ele que pensou, ele apenas executa. Há, portanto uma perda da autonomia docente e uma clara subordinação dessa atividade às regulamentações, normas e pareceres que não consideram a opinião do professor. Dessa forma também acontece o estranhamento, que pode ser entendido mais especificamente relacionado à segunda forma de estranhamento descrita por Marx (2008, p.83): “A relação do trabalho com *ato da produção* no interior do *trabalho*.”.

Vejam os que diz Antunes (2009, p.130) sobre o estranhamento nas formas de trabalho contemporâneo:

O estranhamento (Entfremdung) do trabalho encontra-se, em sua essência, preservado. Ainda que fenomenicamente minimizada pela redução da separação entre a elaboração e a execução, pela redução dos níveis hierárquicos no interior das empresas, a subjetividade que emerge na fábrica ou nas esferas produtivas contemporâneas expressão de uma existência inautêntica e estranhada. (Antunes, 2009, p.130)

Essa citação nos remete ao cenário de competitividade em que, através das políticas educacionais neoliberais, as escolas estão engajadas. A política de ranqueamento de resultados nas avaliações externas faz com que pese muito mais a responsabilidade (e responsabilização) no trabalho do professor. A atividade docente está constantemente sendo avaliada e “ajustada” aos interesses capitalistas, pois na educação pública torna-se cada vez mais forte a cultura de auditoria, mercantilização e privatização da educação (Apple, 2005). Nesse contexto a atividade docente “produz” resultados que interessam às determinadas esferas da administração.

As condições de precarização da profissão ao qual o professor também está submetido (assim como qualquer outro trabalhador assalariado) se agrava mais ainda quando o seu contrato de trabalho é do tipo temporário. Dessa forma o professor vivencia situações de instabilidades e desprovidas de direitos; nessa parcela de trabalhadores o estranhamento se intensifica, pois nessa situação o trabalhador não se sente parte essencial e efetiva do sistema que o emprega, ele sabe que em muitos casos não pode reclamar, muito menos exigir melhores condições de trabalho pois tem consciência da sua condição de desempregável; essas circunstâncias fortalecem a alienação do ser humano em relação ao seu trabalho. Antunes (2009, p. 191) alerta que

[...] as formas intensificadas de precarização do trabalho, são apenas alguns dos exemplos mais gritantes das barreiras sociais que obstam, sob o capitalismo, a busca de uma vida cheia de sentido e emancipada para o ser social que trabalha.

E por último (porém jamais no sentido de esgotar a questão) é interessante mencionar aqui dados de uma pesquisa chamada “Profissão Docente” realizada em 2018 pelo Ibope Inteligência com professores da Educação Básica no Brasil onde evidenciou que apenas 21% dos professores estão totalmente satisfeitos com a atividade docente que realizam, sendo assim a grande maioria está insatisfeita com a profissão. Esse dado nos permite fazer a seguinte analogia: se não estão satisfeitos com o seu trabalho, significa que não se realizam nele, não o veem como parte da sua essência, a consequência disso é um trabalho alienado, estranhado, alheio ao gênero humano e individualidade do ser; invertendo, fatalmente, o sentido ontológico do trabalho.

5. Considerações Finais

Neste estudo discutimos as categorias marxistas trabalho, alienação e estranhamento objetivando relacioná-las com a atividade docente realizada pelos professores nas escolas públicas brasileiras. Através dos argumentos colocados no texto ficou claro que na sociedade capitalista o trabalho deixa de ser algo inerente à individualidade do ser humano e passa a ser uma atividade explorada e exteriorizada a fim apenas de valorizar o capital. A exploração, fragmentação e precarização do trabalho tem como consequência no interior do ser social a alienação e/ou estranhamento da atividade realizada; esse fato atinge todos os trabalhadores assalariados, incluindo os professores que, embora estejam inseridos teoricamente em um espaço aparentemente livre de pressões políticas e econômicas, também são atingidos pela crise do trabalho.

Tendo em vista o exposto, compreendemos que o estranhamento do trabalho também atinge a classe dos docentes, uma vez que muitos não estão totalmente satisfeitos com a atividade que realizam. Além do mais a fragmentação e a subordinação do professor ao currículo imposto pelos sistemas de educação (estes por sua vez fundamentados em ideais claramente capitalistas) faz com que o professor perca a sua autonomia no desenvolvimento da sua atividade enquanto profissional. Isso torna a atividade docente alienada e a partir do momento em que o professor não se reconhece na atividade que realiza e realiza-a apenas para garantir um salário para sua sobrevivência, tem-se o trabalho estranhado.

Finalmente, portanto concluímos que essas reflexões são importantes para pensarmos em transformações nas relações de trabalho da sociedade contemporânea. Entendemos que a saída é sem dúvida romper com a lógica destrutiva do capital que explora os trabalhadores e os põe a serviço dos seus interesses. Por mais que o ideal de ruptura com essa a lógica vigente não esteja no nosso horizonte imediato é preciso sempre refletir e resistir às situações de desumanização que nos são impostas diariamente, é preciso combater-las na medida em que aparecem para a classe trabalhadora.

No sentido de aprofundar essa discussão, faz-se necessário o desenvolvimento de novos estudos analisando a relação entre atividade docente e sociedade capitalista, há que se analisar, por exemplo, como a sociedade enxerga o trabalho do professor e/ou qual o perfil de profissional que a escola pública tem hoje. Essa é, portanto, a nossa contribuição como sugestão para trabalhos futuros.

Referências

Antunes, R. (2009) *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2ªed. São Paulo: Boitempo.

Antunes, R. (2010). Trabalho uno ou omni: a dialética entre o trabalho concreto e o trabalho abstrato. *Argumentum*, Vitória, v. 2, (2), p. 09-15. Disponível em <http://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/941>. Acessado em 15 de junho de 2020.

Antunes, R., & Pinto, G. A. (2017). *A fábrica da educação: da especialização taylorista à flexibilização toyotista*. São Paulo: Cortez.

Apple, M. W. (2005). *Para além da lógica de mercado: compreendendo e opondo-se ao neoliberalismo*. Tradução de Gilka Leite Garcia e Luciana Ache. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

Arroyo, M. G. (2013). *Currículo, território em disputa*. 5ªed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Bermudez, A. C. (2018). *33% dos professores estão insatisfeitos com a profissão, mostra pesquisa*. www.educacao.uol.com.br. Disponível em <https://bitly.com/l3hJ8> . Acessado em 15 de junho de 2020.

Lessa, S. *Lukacs: Trabalho, objetivação, alienação*. *Revista Trans/Form/Ação*. São Paulo, ed. 15, p. 39-51, 1992. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/trans/v15/v15a02.pdf> Acessado em 15 de junho de 2020.

Lima, M. F. (2014). *A alienação em Luckács: fundamentos para o entendimento do complexo da educação*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza.

Lukács, G. (1980). *The Ontology of Social Being: Labour*. Londres: Merlin Press.

Marx, K. (2008). *Manuscritos Econômico-Filosóficos [1844]*. Trad. br. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial.

Marx, K. (2016). *O Capital: crítica da economia política. Livro 1. [e-book]*. 34 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Pereira A. S.. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica. [e-book]*. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Disponível em:
https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_MetodologiaPesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1.

Ponce, A. (2001). *Educação e Luta de Classes*. 18ªed. Tradução de José Severo de Camargo Pereira. São Paulo: Cortez Editora.

Ranieri, J. (2006). *Alienação e estranhamento: a atualidade de Marx na crítica contemporânea do capital*. III Conferencia Internacional La Obra de Carlos Marx y los desafíos del Siglo XXI. Cuba, Havana.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Paula Trajano de Araújo Alves – 25%

Emanoel Rodrigues Almeida – 25%

Fabiano Geraldo Barbosa – 25%

Solonildo Almeida da Silva – 25%